

## Narrativas visuais fotográficas na revista National Geographic Brasil: um estudo de caso

*Photographic visual narratives in National  
Geographic Brazil Magazine: a case study*

Bruna Vasconcellos, Sara Miriam Goldchmit

---

National Geographic,  
narrativas visuais,  
fotografia, revista

O objetivo deste artigo é investigar como são construídas as narrativas visuais fotográficas existentes na revista *National Geographic Brasil*. O trabalho apresenta um breve histórico da publicação, o protocolo de trabalho utilizado para compor as matérias, bem como o estudo de caso de uma reportagem específica. A pesquisa foi realizada através de levantamento bibliográfico, catalogação em acervo das matérias brasileiras até então já publicadas, além de entrevistas com fotógrafo e designers envolvidos na produção da revista entre os anos 2001 e 2013. Verifica-se, tanto nos processos da revista quanto no estudo de caso, a ênfase na narrativa fotográfica que preza pela excelência comunicativa com rigor científico, mas sem deixar de emocionar e envolver o leitor pela eloquência das imagens.

National Geographic,  
visual narratives,  
photography, magazine

*The main purpose of this article is to explore how the photographic visual narratives in the National Geographic Brazil Magazine are created. The work presents a brief history and background of the publication, the work protocols used to compose the articles, as well as the case study of a specific report. The research was carried out through bibliographic survey, archive research for cataloging the articles made in Brazil and published until then, as well as interviews with a photographer and designers both involved with the magazine production between 2001 and 2013. It is recognized that there is an emphasis on the photographic narrative that values communicative excellence with scientific rigor, both in the magazine's processes and in the case study, but without losing the ability to thrill and engage the reader through the eloquence of the images.*

## 1 Introdução

Com 130 anos de história, a revista *National Geographic* é um exemplo “clássico-moderno” célebre de um enfoque do design da informação que conjuga texto e imagem (Mijksenaar, 2001, p. 27). O periódico tem a fotografia como sua marca registrada desde o início do século XX, quando, desde então, a revista já era considerada a principal do ramo de exploração e descobertas. Sua relevância e rápido reconhecimento deram-se justamente por conta do pioneirismo na ênfase na produção visual, já que, antes da *National Geographic*, não há registro de nenhum periódico ou publicação que contasse com tamanho conteúdo pictórico ou artigos sobre ciência, história, geografia e cultura, abordados de um modo claro e acessível a uma vasta gama de leitores, quebrando o paradigma de ciência voltada apenas para a elite intelectual.

De modo geral, o design editorial tem como função “dar expressão e personalidade ao conteúdo, atrair e manter os leitores e estruturar o material de forma clara [...] para configurar algo que seja agradável, útil ou informativo — geralmente, uma combinação de todos os três” (Caldwell e Zappaterra, 2014, p. 10). A criação e a edição do material iconográfico são cruciais para a construção de sentidos do conteúdo veiculado. Na *National Geographic*, a opção pela fotografia deve-se à sua natureza de imagem técnica, que apresenta o real com clareza e suposta imparcialidade, bem-vindas pela credibilidade dada ao conhecimento científico. Apesar disso, toda fotografia é um ato de seleção da cena observada de acordo com o que se quer mostrar e como. Os discursos visuais presentes em reportagens da *National Geographic Magazine* são explorados em diversas pesquisas (Remillard 2011; Born 2018; Tatel Jr. 2011; Baitz, 2005; Gomes 2013). Entretanto, não identificamos estudos sobre os processos criativos de produção da edição nacional.

O objetivo deste artigo é compreender como são construídas as narrativas visuais fotográficas existentes na revista *National Geographic Brasil*. Nossa hipótese é de que exista um método *sui generis* de planejamento, execução, edição e publicação das imagens, que resultem na construção da informação visual de maneira elucidativa e atraente ao olhar.

## 2 Metodologia

A metodologia realizada contou com quatro etapas:

- Levantamento bibliográfico pertinente ao tema no banco de dados Google Scholar e livros-texto.
- Pesquisa no acervo da Biblioteca Florestan Fernandes (USP) para catalogação das matérias brasileiras da *National Geographic Brasil* até então publicadas e disponíveis. A biblioteca conta com exemplares da revista de 2000 a 2009, tendo sido

coletadas e catalogadas as informações de todas as reportagens produzidas por brasileiros. Os dados coletados foram então sistematizados em uma tabela (com fragmento ilustrativo na Figura 1) com o nome da matéria, fotógrafo, título, fotografia ilustrativa da reportagem, tema, resumo e data.

1 Durante entrevista realizada em 30 nov. 2017.

- Entrevistas com fotógrafo e designers envolvidos na produção da *National Geographic Brasil* entre os anos 2001 e 2013.
- Estudo de caso da matéria “A Volta do Jacaré”, da *National Geographic Brasil* de março de 2013, que mostra a recuperação da população dos jacarés no Pantanal. Essa matéria foi selecionada segundo indicação de Cristina Veit<sup>1</sup>, diretora de arte da revista de 2001 a 2013, como sendo um bom exemplo do processo de construção das narrativas visuais fotográficas usualmente executadas na revista.






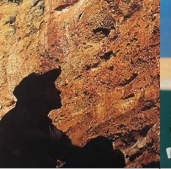



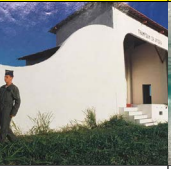
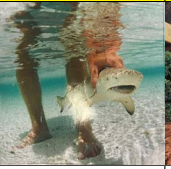

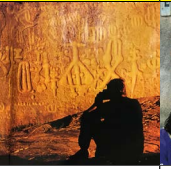
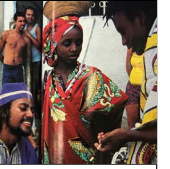
ARAQUÉM ALCÂNTARA	FELIPE GOIFMAN	IZAN PETERLE	LUCIANO CANDISANI	ANDRÉ VIEIRA	ANDRÉ PESSOA	RICARDO BELIEL
"Luz e Espinhos"	"Sorria! Você está em Feliz"	"O Resgate do Pantanal"	"Doce vida, águas salgadas"	"O sonho dourado"	"O quebra-cabeça da Pré-história"	"Os velhos e o mar"
						
LUGAR E PESSOAS	LUGAR	LUGAR	NATUREZA	LUGAR	HISTÓRIA	PESSOAS
Materia de 10 páginas de Ronaldo Ribeiro, com fotos de Araquém Alcântara sobre as histórias e os personagens do Raso da Catarina, no norte da Bahia, que é a região de caatinga mais árida do Brasil.	"Código Postal", matéria de Ronaldo Ribeiro, com fotos de Felipe Goifman, sobre a cidade de Feliz, no RS, fundada por imigrantes alemães, é uma cidade que soube se organizar para combater violência, analfabetismo, desemprego e poluição.	"Diário da Terra", matéria de 2 páginas sobre a região do Pantanal se tornando Patrimônio Natural da Humanidade. Não há o nome do autor e as fotografias são de Izan Peterle.	"Diário da Terra", matéria de 2 páginas sobre os projetos de salvar tartarugas marinhas no Brasil, com foto de Luciano Candisani.	"Código Postal", matéria "68523-000" com texto e fotos de André Vieira, sobre a Serra Pelada, no Pará, uma antiga capital de ganampo.	Dentro de uma matéria americana sobre a origem do homem, chamada "O enigma dos primeiros americanos", há uma submatéria brasileira de 6 páginas, escrita por Ronaldo Ribeiro e com fotos de André Pessoa, que trata do Brasil na Pré-história e da gênese do homem americano no Brasil.	"Diário da Terra", reportagem de duas páginas por Ricardo Beliel (com fotos também dele) sobre os jagadeiros do Ceará.
fevereiro de 2001	novembro de 2011	outubro de 2000	novembro de 2000	dezembro de 2002	dezembro de 2000	fevereiro 2001
"Os bichos na lista negra"	"Minirrealidade: a pequena grande favela do Rio"	"Guerra made in Brazil"	"Rocas, um viveiro no Atlântico"	"Sem saída"	"O enigma iluminado"	"Pequena África"
						
NATUREZA	PESSOAS E LUGAR	LUGAR E HISTÓRIA	LUGAR	LUGAR	HISTÓRIA E LUGAR	PESSOAS
"Mais Brasil", matéria de 8 páginas sobre um time de especialistas que prepara a nova relação das espécies brasileiras ameaçadas de extinção, com texto de Antônio Paulo Pavone e fotos de Araquém Alcântara.	"Diário da Terra", matéria de duas páginas de Felipe Goifman, sobre jovens da favela do Pererê que produziram uma maquete imensa de uma favela nas encostas vazias do morro.	Materia por Ronaldo Ribeiro com fotos de Izan Peterle, trata da boa vida dos militares norte-americanos em Natal no Rio Grande do Norte, onde fica a principal base dos Aliados no hemisfério sul.	Submatéria de 4 páginas de Ronaldo Ribeiro com fotos de Luciano Candisani dentro da matéria "Jóia dos trópicos" sobre o atol Palmyra. Esse único atol brasileiro fica a 266 quilômetros da costa do Rio Grande do Norte.	"Código Postal": "68198-000" sobre Trairão, no Pará, uma cidade que vive à mercê de grileiros e madeireiros enquanto espera o asfaltamento da BR-163 – obra que deve facilitar a entrada da agricultura à Amazônia, com texto e fotos por André Vieira.	"Diário da Terra", matéria de Ronaldo Ribeiro com fotografia de André Pessoa, sobre um sítio arqueológico que, até hoje não tem o significado descoberto. Entretanto, uma iluminação especial revelou detalhes não antes perceptíveis com a luz natural.	"Mais Brasil", matéria sobre imigrantes angolanos que vivem em comunidade no Rio de Janeiro e recriam o ambiente onde nasceram, além do samba e do Carnaval carioca, com texto e fotos de Ricardo Beliel.
maio de 2002	janeiro de 2002	junho de 2001	março 2001	dezembro de 2004	março de 2002	fevereiro de 2003

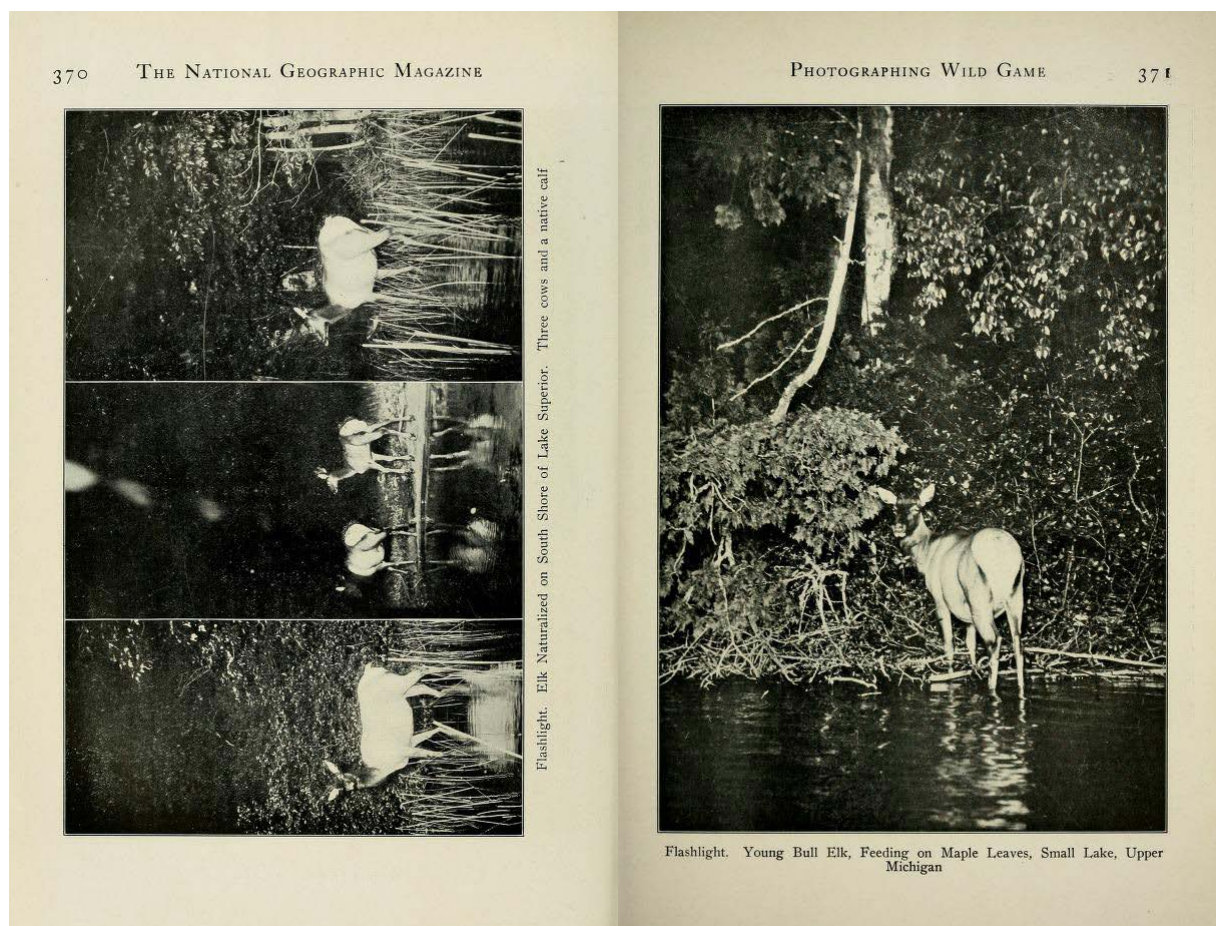
Figura 1 Fragmento ilustrativo da tabela realizada para sistematização dos dados levantados sobre as reportagens produzidas por brasileiros na National Geographic Brasil de 2000 a 2009.

### 3 A National Geographic Magazine e a edição brasileira

2 Segundo a própria organização. Disponível em: <<https://www.geostories.org/portal/about>>. Acesso em: nov. 2018.

Fundada nos Estados Unidos em 1888, a *National Geographic Society* é uma das maiores organizações científicas e educacionais privadas sem fins lucrativos do mundo <sup>2</sup>. A revista *The National Geographic Magazine* estreou em 1888, mais alinhada com o modelo de um jornal científico e acadêmico. Nesse período inicial, os artigos não contavam com fotografias; apenas textos sobre assuntos específicos. A partir de 1898, o novo editor-chefe, Alexander Graham Bell, lança a ideia de que a revista não deveria ser estritamente científica. Além

disso, ele determinou que as imagens não mais deveriam ilustrar os textos, mas sim o contrário. A mudança mais significativa se daria com a inserção da fotografia, a partir de 1905, quando passaria a ser a principal atração da revista (Figura 2) (Baitz, 2005).



**Figura 2** Dupla de páginas da edição de julho de 1906 da National Geographic Magazine<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Disponível em:  
<<https://archive.org/details/nationalgeograp171906nati/page/370>>  
acesso em: nov.2018

A instituição acabou tornando-se uma produtora de imagens icônicas, que, ao serem apropriadas pela cultura, adquirem caráter atemporal (Gomes, 2013) (Figura 3).



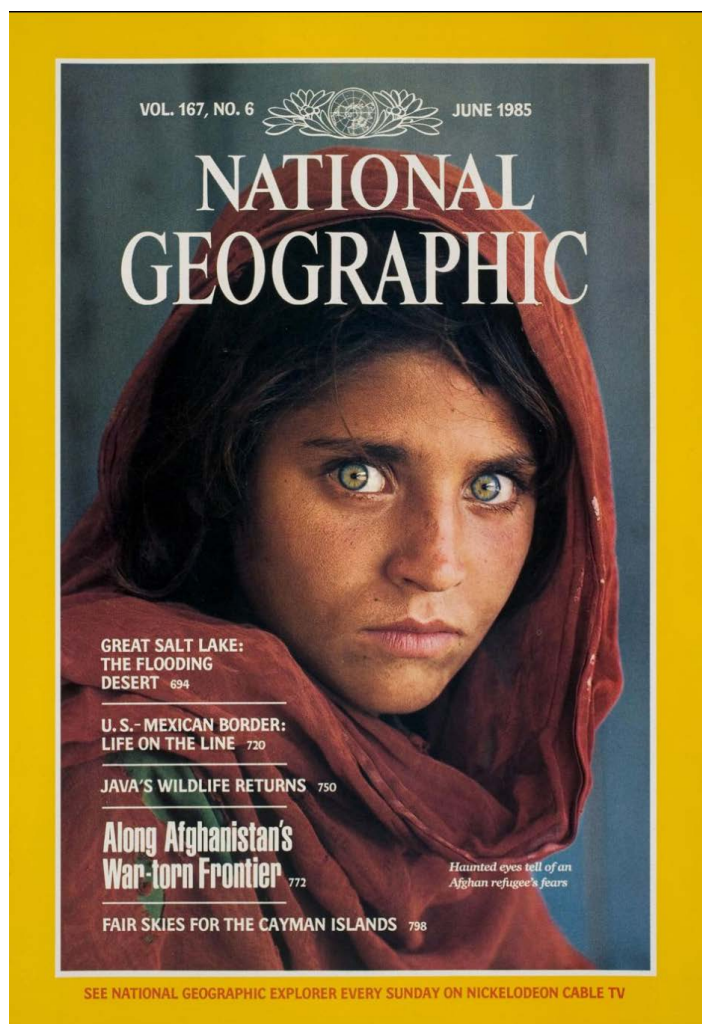


Figura 3 Capa da edição de junho de 1985 da *National Geographic Magazine*<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.nationalgeographic.com>>. Acesso em: nov. 2018.

<sup>5</sup> Após cortes de equipe em 2013, a revista permaneceu na Editora Abril até 2016, quando foi então vendida para a Fox Networks Group.

Na edição brasileira (Figura 4) — publicada pela primeira vez em maio de 2000 pela Editora Abril<sup>5</sup>—, a maior parte do conteúdo se dá por meio da tradução e modificação das reportagens norte-americanas, além da adição de matérias feitas no próprio país. Por mais que haja uma tentativa de adaptar a edição do Brasil ao “gosto” dos brasileiros (Gomes, 2013, p. 71), percebe-se que um padrão geral é seguido e que a *National Geographic* obtém êxito em manter tópicos de interesse internacional, mesmo que adaptados de acordo com as necessidades de cada local de publicação.



Figura 4 Exemplos de duplas de páginas da National Geographic Brasil<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Fonte: Arquivo pessoal de Cristina Veit.

<sup>7</sup> As informações sobre o protocolo de trabalho descritas neste tópico foram levantadas no documento “Criando uma história para a National Geographic Magazine”, entregue por Cristina Veit, diretora de arte da National Geographic Brasil entre os anos de 2001 e 2013, durante entrevista realizada em 30 nov. 2017.

A importância da revista no país se deu em dois âmbitos principais: a divulgação nacional e internacional de uma “imagem do Brasil” e a promoção da conservação ambiental e histórica, por meio de expedições exploratórias no país. Ao produzir reportagens originais sobre temas como “fauna”, “flora”, “culturas”, “costumes”, “povos” e “geografia”, acaba-se promovendo a difusão desse conteúdo. Assim, cria-se uma imagem do Brasil na consciência internacional e estimula-se um maior engajamento na conservação do ambiente e da história locais.

#### 4 Protocolo de trabalho<sup>7</sup>

Para se atingirem os resultados mencionados, as práticas de trabalho na *National Geographic* são bem definidas e consolidadas. Há protocolos objetivos para a criação de reportagens, desde o surgimento da pauta, passando pela iconografia — fotografias, ilustrações, mapas —, e chegando até a produção de *layouts*, textos e legendas. As pautas são de responsabilidade do *Story Committee*, grupo formado pelo diretor da revista, editores, um diretor de arte e editores de foto, que se reúne uma vez por semana para escolhê-las. Durante as reuniões desse grupo, são analisadas ideias vindas de quatro tipos de fontes: fotógrafos ou autores *freelancers*, *National Geographic Magazine*

*Staff*, *Area Specialists* e o próprio *Story Committee*, que também pode gerar pautas. Assim que o diretor da revista decide quais as pautas aprovadas, um memorando é passado informando essas decisões ao *Staff* e aos *Area Specialists*.

8 Informação transmitida por Roberto Sakai, atual editor de arte da National Geographic Brasil, durante entrevista realizada em 11 mai. 2017.

9 Informações fornecidas por Cristina Veit durante entrevista realizada em 30 nov. 2017.

Veit afirmou que algumas matérias eram encomendadas, sempre para uma dupla de repórter e fotógrafo, já que era muito importante ter matérias brasileiras atualizadas e manter a revista viva no Brasil. Entretanto, hoje em dia é mais comum que os fotógrafos levem as pautas já prontas, devido, principalmente, aos cortes de verba que a revista sofreu há alguns anos<sup>8</sup>. Com base nos depoimentos de Veit, é possível perceber como as etapas de criação bem como os cronogramas para publicação das reportagens são livres e abertos, conferindo grande autonomia e liberdade a fotógrafos e repórteres. Por conta desses fatores, há casos em que se passam anos até que uma matéria seja produzida e publicada<sup>9</sup>.

A fotografia é o fio condutor das matérias da revista e representa aproximadamente 75% de seu espaço. Por conta disso, para que uma pauta seja aprovada, Veit conta que se faz necessário que esta tenha grande apelo visual e não seja só uma ideia original. Após decidida a pauta, os próximos detalhes são definidos no *Story Conference*, em uma reunião com todos os envolvidos, do fotógrafo ao diretor de arte. Nesse encontro, há a definição do número de rolos a ser utilizado, do tipo de filme e da quantidade de páginas aproximada. O repórter e o fotógrafo vão a campo separados e em épocas distintas, e o que permite isso é o fato de o conteúdo estar bem definido na pesquisa pré e pós-pauta. Mesmo não estando juntos, conta-se que ambos sabem o que procurar para, ao fim, poderem juntar seus produtos e produzir uma única reportagem.

Assim que o fotógrafo volta do campo, ele e o editor de fotografia trabalham juntos em busca das melhores imagens, para assim colocá-las na ordem que devem entrar na matéria e então apresentá-las ao diretor da revista. Com a aprovação do diretor, as fotos então chegam às mãos do diretor de arte. Cristina conta que, quando ocupava esse cargo, trabalhava em conjunto com o fotógrafo e o editor de fotos para decidirem um *layout*, processo que envolve diversas etapas. Primeiro, o diretor de arte vai organizar todas as fotos em página dupla e imprimi-las para decidir quais merecem ser usadas grandes e quais podem ser menores. Em seguida, ele faz o *layout* com várias opções de abertura, imprime-o e coloca-o na parede, para que, em conjunto com o editor e o fotógrafo, possam discutir juntos quais as melhores opções de duplas, se é necessário aumentar o número de páginas ou se algo deve ser trocado. Assim que o *layout* fica pronto e tem o texto aplicado a ele, deve passar pela aprovação do diretor da revista, processo chamado de *Wall Walk*.



## 5 Estudo de caso: reportagem “A volta do jacaré”

A reportagem brasileira eleita para estudo de caso é “A Volta do Jacaré”, de março de 2013, que mostra a recuperação da população dos jacarés no Pantanal. A matéria de 10 páginas tem texto do australiano Roff Smith, fotografias de Luciano Candisani, renomado fotógrafo brasileiro colaborador da *National Geographic Brasil*, e direção de arte de Cristina Veit. Esse caso em particular serviu de exemplo de um processo de produção das imagens bem como da construção de um discurso visual claro e potente na edição da sequência.

A abertura da reportagem se dá com a fotografia de um jacaré em página dupla (Figura 5). Nela, só podem ser vistos os pés do animal, levemente apoiados sobre a areia do fundo do rio, dando a ideia de um ser misterioso. O fato de a imagem estar sangrada e com seu objeto principal — o jacaré — escapando da página gera uma construção imaginária por parte do observador. Esse procedimento de confundir os limites da imagem com os limites do suporte leva o espectador a construir em seu imaginário o que não vê no campo visual da representação (Joly, 1994), aguçando sua criatividade e interesse na reportagem. O título e olho apoiam-se no espaço à esquerda da figura central, de acordo com o sentido de leitura da esquerda para a direita, reforçado pela direção da cauda do animal.



Figura 5 Primeira dupla de páginas da reportagem “A volta do jacaré”<sup>10</sup>



10 As figuras 5 a 9 pertencem ao arquivo de Cristina Veit.

Ao virar a página, há novamente uma fotografia em página dupla (Figura 6), revelando o jacaré por completo, e aos montes. A imagem, produzida durante o período do crepúsculo, é muito curiosa: nela, veem-se diversos jacarés, todos de coloração amarelada por causa da iluminação utilizada, em contraste com a cor escura da água onde estão, já que já estava escurecendo. De alguns, só se pode ver os olhos saindo da água como pontos de luz emulando as estrelas do céu. Meticulosamente planejada e executada, a fotografia exprime a natureza como espetáculo a ser admirado.

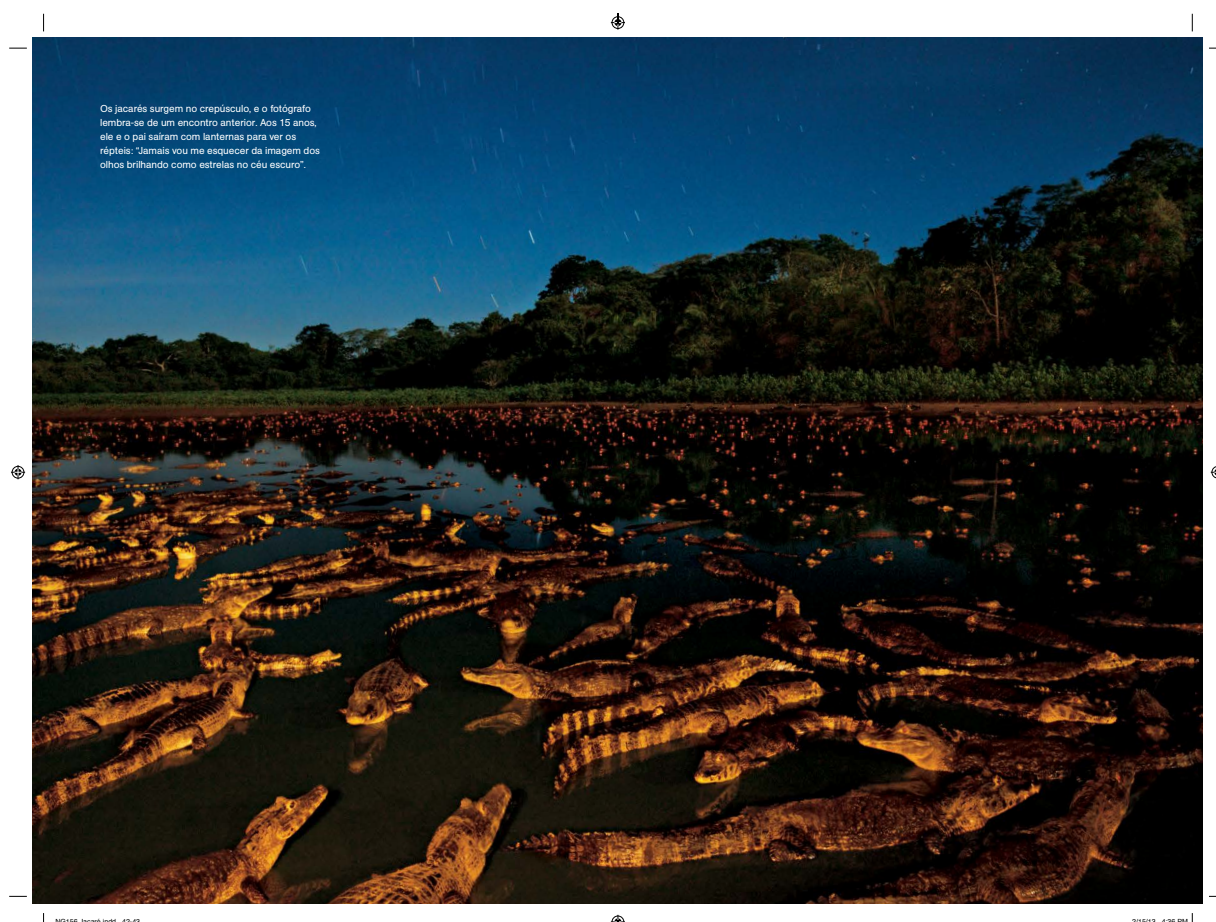


Figura 6 Segunda dupla de páginas da reportagem “A volta do jacaré”.

Nas duas páginas seguintes (Figura 7), localiza-se o texto, curto, evidenciando a ênfase nas imagens. O layout das duas páginas não é simétrico: o texto está dividido em três colunas e a primeira delas está na página esquerda, enquanto as outras duas, após serem interrompidas por um pequeno mapa que mostra o âmbito do jacaré-do-pantanal na América do Sul, estão ambas na página direita. A estrutura tipográfica mostra-se discreta, de maneira que não se destaque mais do que as fotografias.

**SE VOCÊ CHEGAR A**

notá-los, eles não parecem muito mais que se-  
mentes levadas pelo vento, flutuando entre os  
juncos à beira de uma remota lagoa no Pantanal  
Mato-Grossense. Mas espere até cair a noite,  
quando o vasto e conspiratório silêncio das terras  
úmidas dá lugar a um coro de trinados e farfa-  
lhadas, e aquelas pequenas manchas começam  
a afastar-se, sumindo na escuridão.

Os pontos minúsculos são os olhos de bebês  
de jacarés, membros da família dos crocodilia-  
nos que mal completaram 2 semanas de vida  
e são pouco maiores que um lápis. Durante  
o dia, escondem-se na vegetação aquática, espe-  
rando que nenhuma garça ou jaburu os aviste  
e os transforme em refeição. À noite, aventuram-  
se a ir mais longe para um banquete de insetos  
e lesmas, antes de, aos poucos, se dedicarem a  
presas maiores. Com o tempo e as condições  
propícias, podem chegar a 2,5 metros, com força  
mais que suficiente para capturar uma capivara,  
um dos roedores gigantes do Pantanal. Mas isso  
ainda pertence ao futuro. Por enquanto, os jacarés  
bebês estão quase na base da cadeia alimentar, es-  
forçando-se ao máximo para não serem notados.

Centenas, talvez milhares, movem-se furtiva-  
mente apenas nessa única lagoa. Há uma infini-  
dade delas no Pantanal. Essa imensa região inun-  
dável e florescente à beira do rio Paraguai, no  
Centro-Oeste do Brasil, não apenas abriga aquela  
que talvez seja a maior população crocodiliana  
do planeta como também é o cenário de uma  
das grandes histórias de recuperação ambiental.

Há apenas 30 anos, o jacaré-do-pantanal pa-  
recia destinado à extinção, caçado sem dó para  
suprimento de um lucrativo mercado de couro.  
Suas populações se reduziram de modo assasta-  
dor. "Ninguém sabe quantos jacarés foram abati-  
dos, mas foi algo na ordem de milhões", comenta  
o biólogo e especialista em conservação Cleber  
Alho, da Universidade Anhanguera-Uniderp,  
no Mato Grosso do Sul, que realizou grande par-  
te de suas pesquisas de campo no Pantanal du-  
rante o apogeu das matanças na década de 1980.

Bandos armados invadiam a região na estação  
seca e matavam a tiros multitudes de jacarés reu-



Na estação seca, os peixes abandonam as lagoas rasas do Pantanal e se mudam para as águas mais profundas dos rios — porém, nessa jornada, muitas vezes, acabam na goela dos jacarés.



nidos em torno das cacimbas cada vez menores. "Eles esfolavam os animais ali mesmo e largavam o resto para os urubus", conta Alho. "Eu topava com pilhas de répteis mortos apodrecendo. Na época, a pesquisa de campo não era apenas deprimente mas também perigosa, porque os coureiros costumavam ser violentos." Com a repressão da caça ilegal pelas autoridades brasileiras e, em 1992, a proibição mundial do comércio de couro de crocodilo silvestre, a pressão diminuiu. Os próprios animais se encarregaram do resto. Após uma sequência de intensas temporadas de chuva — ideais para a reprodução —, a quantidade

de jacarés recuperou-se de maneira espetacular. Hoje, estima-se que até 10 milhões deles estejam vivendo nas áreas úmidas pantaneiras. Mesmo assim, a espécie não está a salvo, alerta o biólogo. "Essa crescente população não pode obscurecer os dramas enfrentados em diversas regiões da América do Sul, onde continua a existir caça ilegal". No Brasil, restam outras ameaças: desmatamento, barragens, turismo, mineração, construção de portos. Todavia, ao menos por enquanto, no caloroso período após mais uma temporada de chuvas, os reis do Pantanal parecem seguros em seu trono. — Por *Ruff Smith*

JACARÉ-DO-PANTANAL 45

Figura 7 Terceira dupla de páginas da reportagem “A volta do jacaré”.

Na sequência (Figura 8), são retratados dois filhotes de jacaré em simetria, vistos por baixo, dentro da água, como se flutuassem. Ao redor deles, percebe-se alguma vegetação fluvial, e, acima, vê-se o céu azul com algumas nuvens. Por conta da utilização de uma objetiva de menor distância focal para a realização da fotografia, a imagem final é deturpada — como se pode perceber por conta da linha distorcida que divide a margem da lagoa do céu azul —, causando efeitos de dramatização (Joly, 1994). Além disso, por conta da utilização do ângulo de ponto de vista conhecido como *contra-plongée*, há uma sensação de maior magnificação do objeto analisado (Joly, 1994), já que os jacarés tomam conta da imagem por inteiro, proporcionando uma representação extremamente expressiva. A primazia da imagem reforça a característica do animal de viver tanto no meio aquático como no terrestre.





**Figura 8** Quarta dupla de páginas da reportagem “A volta do jacaré”.

Na última dupla (Figura 9), há duas fotos finais. À esquerda, uma foto em paisagem que ocupa menos da metade da folha, retratando machos que tentam chamar a atenção das fêmeas à sua volta. Logo abaixo dessa imagem, há a legenda das duas fotos, apenas descrevendo o que se vê em cada uma delas. Na direita, há uma fotografia na posição de retrato que ocupa a totalidade da página: nela, um jacaré — bastante próximo da câmera — está camuflado e imóvel na mata, encerrando a matéria com essa proximidade impactante desse animal intimidador.





Os machos dançam e fazem piruetas (acima) para assegurar seu domínio em um complexo ritual durante o calor sufocante que antecede as fortes chuvas tropicais de verão. Após a dança, aproximam-se das fêmeas impressionadas – assim esperam. Camuflado, um jacaré permanece imóvel no chão da mata (à direita).

48 NATIONAL GEOGRAPHIC • MARÇO 2013

NG156 Jacaré.indd 48-49



2/15/13 4:38 PM

**Figura 9** Quinta dupla de páginas da reportagem “A volta do jacaré”.

## 6 Considerações finais

A revista *National Geographic Brasil* envolve o leitor pela grandiosidade das imagens captadas de forma meticulosa em campo e organizadas em sequências. Com protocolos de trabalho consolidados, as narrativas visuais fotográficas são construídas por meio do trabalho em equipe, valorizando a colaboração e os processos iterativos, visando a adequação do conteúdo à forma final de seus *layouts*, processo esse observado no caso estudado.

## Agradecimento

Contribuições de Cristina Veit, Roberto Sakai e Maurício de Paiva.

## Referências

- BAITZ, R. 2005. Fotografia e Nacionalismo: A Revista The National Geographic Magazine e a Construção da Identidade Norte-Americana (1895-1914). *Revista de História da USP*, v.2, n.153: 225-250.
- BORN, D. 2018. Bearing Witness? Polar Bears as Icons for Climate Change Communication in National Geographic, *Environmental Communication*.
- CALDWELL, C., ZAPATERRA, Y. 2014. Design editorial. São Paulo: Gustavo Gilli.
- GOMES, M. S. 2013. A mediação do contato nos retratos da National Geographic. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul.
- JOLY, M. 1994. Introdução à análise da imagem. Tradução de José Eduardo Rodil. Lisboa: Edições 70.
- MIJKSENAAR, P. 2001. Una introducción al diseño de la información. Naucalpan: Ediciones Gustavo Gili.
- National Geographic Website. Disponível em: <<https://www.nationalgeographic.com/>>. Acesso em: 03/11/2018.
- REMILLARD, C. 2011. Picturing environmental risk: The Canadian oil sands and the National Geographic. *The International Communication Gazette* 73(1-2) 127-143.
- TATEL Jr, C. 2011. Non-Western Peoples as Filipinos: Mediating Notions of “Otherness” in Photographs from the National Geographic Magazine in the Early 20th Century, *Asian Anthropology*, 10:1, 61-79.
- VEIT, C. 2002. Criando uma história para a National Geographic Magazine. São Paulo.

## **Sobre os autores**

### **Bruna Vasconcellos**

bruna.vasconcellos@usp.br

Estudante de Graduação

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Universidade de São Paulo

Rua do Lago 876 CEP 05508-080 São Paulo SP Brasil

### **Sara Miriam Goldchmit**

saragold@usp.br

Professora Doutora

Departamento de Projeto

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Universidade de São Paulo

Rua do Lago 876 CEP 05508-080 São Paulo SP Brasil

Artigo recebido em 04/11/2018

Artigo aceito em 04/05/2019